

Algumas considerações sobre possíveis influências da autoanálise de Freud na formação psicanalítica

FÁBIO SERRÃO FRANCO

RESUMO: No presente trabalho é apresentada, inicialmente, uma definição do termo autoanálise e indicado o momento no qual Freud iniciou esta prática. Em seguida são retomados eventos da vida pessoal de Freud que, possivelmente, dispararam a prática continuada do processo autoanalítico. Posteriormente são elencadas algumas dificuldades encontradas por Freud durante sua autoanálise, assim como os fatores que lhe possibilitaram seu prosseguimento. Logo depois são apresentados os acréscimos e as transformações ocorridos na teoria psicanalítica por influência da autoanálise de Freud. Por fim, busca-se identificar algumas invariantes existentes na autoanálise de Freud e na formação psicanalítica atual.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Sigmund Freud; Autoanálise; Formação psicanalítica.

INTRODUÇÃO

A prática da autoanálise remonta e mesmo se confunde com o próprio início da psicanálise. Antes de iniciar a apresentação dos aspectos históricos referentes à autoanálise de Freud, penso ser oportuno elucidar a definição do termo

Psicanalista. Membro filiado ao Instituto de Psicanálise 'Durval Marcondes' da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo.

de acordo com o modo como será utilizado ao longo deste texto. Segundo Laplanche e Pontalis (1992) a ‘autoanálise’ pode ser definida como:

Investigação de si mesmo por si mesmo, conduzida de forma mais ou menos sistemática, e que utiliza certos procedimentos próprios do método psicanalítico – associações livres, análises de sonhos, interpretação de comportamentos, etc. (p. 45)

Freud, já em 1895, durante a investigação de formas mais abrangentes e eficazes de tratamento para pacientes histéricas, frequentemente fazia menção não só àquilo que ele inferia existir no funcionamento mental e na manutenção dos vários sintomas que acometiam as pacientes que atendia; em acréscimo, ele realizava constantemente uma investigação de sua mente. A intuição de Freud de que os sonhos compreendiam um importante objeto para compreensão dos processos mentais surgiu a partir da investigação de seu próprio psiquismo, e apareceu pela primeira vez em nota de rodapé do relato do tratamento de Emmy Von N., especificamente ocorrido em 15 de maio de 1889. Diz Freud na referida nota:

Não faz muito tempo, pude convencer-me da força de uma compulsão dessa espécie à associação, a partir de algumas observações feitas num ___-campo diferente. Durante várias semanas vi-me obrigado a trocar a minha cama habitual por uma mais dura, na qual tive sonhos mais numerosos ou mais nítidos, ou na qual não tenha conseguido atingir a profundidade normal do sono. No primeiro quarto de hora depois de acordar, recordava-me de todos os sonhos que tivera durante a noite e me dei ao trabalho de anotá-los e tentar solucioná-los. Consegui relacionar todos esses sonhos com dois fatores: (1) com necessidade de elaborar quaisquer representações de que só tivesse tratado de modo superficial durante o dia – que tivessem sido apenas mencionadas, e afinal não tivessem sido tratadas; e (2) com a compulsão de vincular quaisquer representações que pudessem estar presentes no mesmo estado de consciência. O caráter absurdo e contraditório dos sonhos pôde ser investigado até a ascendência não controlada desse segundo fator. (Freud, 1895, p.96)

A citação acima explicita que o surgimento do interesse de Freud pelos sonhos - não apenas os seus, mas também os sonhos dos pacientes que atendia - remonta ao ano de 1895. Apesar do ímpeto para descobrir os significados ocultos nos sonhos, entendo que não podemos remontar o início da autoanálise de Freud a esse período, pois o método através do qual se mostrou possível interpretar os sonhos ainda estava para ser desenvolvido.

Foi na noite de 23 para 24 de julho do mesmo ano que Freud, em viagem ao Castelo de Bellevue, sonhou durante a noite e, ao acordar, pôde anotar o referido sonho e realizar uma interpretação pormenorizada de seus conteúdos. O 'sonho da injeção de Irma', como ficou conhecido, deu início, então, à realização de uma autoanálise por Freud. Porém, apesar de já ter desenvolvido o método através do qual era possível interpretar os sonhos, a regularidade desse procedimento ainda não se mostrava constante.

POSSÍVEIS DISPARADORES DO PROCESSO AUTOANALÍTICO CONTINUADO DE FREUD

Em carta endereçada à Wilhelm Fliess, em 26 de outubro de 1896, Freud escreveu:

Enterramos ontem o velho, que faleceu na madrugada de 23 de outubro. Ele se sustentou com bravura até o fim, como o homem inteiramente incomum que foi. (...) tudo aconteceu em meu período crítico, e estou realmente muito abatido por causa disso. (p. 202)

Alguns dias depois, em 2 de novembro de 1896, Freud escreve novamente à Fliess:

É-me tão difícil escrever agora que adiei por muito tempo o agradecimento a você pelas palavras tocantes de sua carta. Por um daqueles obscuros caminhos por trás da consciência oficial, a morte de meu velho me afetou profundamente. Eu o valorizava muito, compreendia-o muito bem e, com sua mescla peculiar de profunda sabedoria e fantástica despreocupação, ele teve um efeito significativo em minha vida. Na

ocasião em que morreu, sua vida estava a muito terminada, mas, em meu íntimo, todo o passado foi reavivado por esse acontecimento. Sinto-me agora totalmente desarraigado. (p. 203)

Peter Gay (1989) relata que, frente a esse evento, a inevitável reação se manifestou: a dor pela morte de seu pai, ocorrida em 23 de outubro de 1896, desencadeou a autoanálise de Freud. Sua tristeza foi extremamente intensa, mas, apesar disso (ou justamente por isso), Freud deu andamento às suas investigações, reunindo, inclusive, material pessoal para seus desenvolvimentos teóricos.

Apesar da dor pela morte de Jacob ter sido extremamente impactante para Freud, ela não era tudo com o que ele tinha que se preocupar naquele momento. Em carta a Fliess, de 6 de dezembro de 1896, Freud escreve:

Hoje, depois de ter desfrutado, por uma vez na vida, da dose integral de trabalho e honorários, de que preciso para meu bem-estar (dez horas e cem florins), estou morto de cansaço e mentalmente revigorado (...). (p. 208)

Se entendermos que é o teste de realidade que possibilita a realização do trabalho do luto, a partir da passagem acima podemos inferir que Freud não estava ocupado apenas com aquilo que havia sido mobilizado internamente pela morte do pai, mas estava também atento às exigências da realidade exterior.

FREUD: A TRAVESSIA DA AUTOANÁLISE

É difícil entender como o autoanalista (mesmo sendo ele Freud) conseguiria reproduzir o ambiente regressivo proporcionado pelo analista através, também, de sua presença invisível, silêncios e serenidade, afirma Gay (1989). Para esse biógrafo, Freud elevou Fliess à categoria de Outro, e foi isso que possibilitou o progresso de sua autoanálise. Freud foi, então, levado a utilizar sua própria experiência para compreender o funcionamento mental dos humanos em geral.

Gay (op. cit.) entende que Freud não idealizava tanto seu pai assim como idealizava Fliess, mas ainda sim a ideia de seu pai ter molestado algum

de seus filhos lhe era inconcebível. Isso o levou a reconhecer o valor da fantasia na vida mental de seus pacientes. Tal entendimento, surgido a partir de um sonho que teve com sua filha mais velha, Mathilde, fez Freud abdicar de sua ‘teoria da sedução’ como fator etiológico para o desencadeamento da histeria.

Apesar de Freud ter posto fim à teoria da sedução no mês de maio seguinte à morte de seu pai, suas dúvidas a respeito da mesma já apontavam desde o mês fevereiro anterior. Essa ideia ficou explícita na carta de 21 de setembro de 1897, quando ele afirmou: “Não acredito mais na minha neurótica.”

Diferentemente do que poderíamos imaginar, o processo autoanalítico de Freud não ocorreu de forma linear ou mesmo ininterrupta: Freud tinha momentos de profundo recolhimento e estagnação. Em carta à Fliess, de 16 de maio de 1897, ele escreveu:

Com certeza, não é por uma indiferença pessoal nem objetiva que não consigo fazer com que minha pena escreva nada além disso. As coisas estão fermentando, borbulhando dentro de mim; só estou a espera de um novo ímpeto. (p. 244)

Pouco mais de um mês depois, mais precisamente em 22 de junho de 1897, ele novamente se queixa a Fliess pelo estado no qual se encontrava:

No mais, estou embotado e peço sua indulgência. Creio que estou num casulo, e Deus sabe que espécie de animal se arrastará para fora dele. (p. 255)

Para Jones (1989) o primeiro indício de Freud de que tinha que levar adiante sua autoanálise data de 2 de maio de 1897, porém sua decisão final ocorreu cerca de dois meses depois. Freud escreveu novamente ao seu correspondente em 7 de julho de 1897:

Sei que, no momento, estou imprestável como correspondente, sem nenhum direito a pleitear coisa alguma, mas nem sempre foi assim e nem continuará sendo. Ainda não sei o que está acontecendo comigo. Algo proveniente das mais recônditas profundezas de minha própria neurose insurgiu

contra qualquer progresso na compreensão das neuroses e, de algum modo, você foi envolvido nisso. Isso porque minha paralisia redacional me parece destinada a inibir nossa comunicação. Não tenho nenhuma garantia disso, apenas sentimentos de natureza altamente obscura. (p. 255-6)

Assim como era de se esperar, os avanços constantemente se alternavam com períodos mais ou menos longos de estagnação. Em carta datada em 14 de agosto de 1897 Freud escreve a Fliess:

Depois de ter ficado animadíssimo por aqui, desfruto agora de uma fase de mal humor. O principal paciente a me preocupar sou eu mesmo. Minha histeriazinha, apesar de muito acentuada por meu trabalho, solucionou-se um pouco mais. O resto ainda está paralisado. E disso que depende primordialmente meu estado de ânimo. A análise é mais difícil do que qualquer outra. De fato, é ela que paralisa minha energia psíquica para descrever e comunicar o que conquistei até agora. Mesmo assim, creio que precisa ser feita e que é uma etapa intermediária em meu trabalho. (p. 262)

Foi através prioritariamente da associação livre realizada a partir de seus sonhos, processo esse intermediado ou mesmo possibilitado pela presença distante de Fliess, que Freud utilizou para dar andamento à sua autoanálise. Além da livre associação, Freud realizava interpretação de lapsos e lembranças. Mas, sem dúvida, era através da interpretação dos sonhos que realizava a maior parte dessa empreitada. Tal assertiva fica clara na carta de 3 de outubro de 1897 endereçada à Fliess:

Ainda há muito poucas coisas acontecendo comigo externamente, mas, internamente, há algo muito interessante. Nos últimos quatro dias, minha autoanálise, que considero indispensável para o esclarecimento de todo o problema, prosseguiu nos sonhos e me forneceu as mais valiosas elucidações e indícios. Em alguns momentos, tenho a sensação de estar no final e, até agora, sempre soube onde a próxima noite de sonhos seria retomada. Colocar isso no papel me é mais difícil do que qualquer outra coisa (...). (p. 269)

Nas cartas à Fliess de 3, 4 e 15 de outubro, Freud explicita ter entrado em contato mais direto com seus desejos em relação aos seus pais. Diz Freud em 15 de outubro de 1897:

Minha autoanálise, é de fato, a coisa mais essencial que tenho no momento, e promete transformar-se em algo do maior valor para mim, se chegar a seu término. A meio caminho, ela parou subitamente por três dias, nos quais tive a sensação de estar amarrado por dentro. (p. 271)

Já em 27 de outubro Freud afirmou que, a partir de sua autoanálise, pôde formular uma noção mais nítida de como age a resistência em seus pacientes. Lembra Peter Gay que um dos fenômenos que Freud pôde observar a partir do falecimento de seu pai foi a chamada ‘culpa do sobrevivente’. Essa junção entre investigação de si mesmo e de seus pacientes caracterizou o processo de desenvolvimento teórico desde o início da psicanálise. Para Peter Gay (op. cit.):

É importante para a história da psicanálise que Freud tenha tido uma relação tão filial com seu pai, sonhando e se preocupando mais com as relações paternas do que com as maternas, inconscientemente disposto a deixar não analisada parte de sua ambivalência em relação à mãe. O que deve interessar ao estudioso da psicanálise, em última análise, não é se Freud tinha (ou imaginava) um complexo de Édipo, mas se sua asserção de que este é o complexo pelo qual todos têm que passar pode ser comprovada pela observação independente ou experiências bem feitas. Freud não considerava suas experiências pessoais como automaticamente válidas para toda a humanidade. Ele confrontou suas ideias com as experiências de seus pacientes e, mais tarde, com a literatura psicanalítica; passou anos elaborando, refinando, revendo suas elaborações. Seus famosos casos clínicos refletem vivamente seu compromisso simultâneo com a individualidade e a generalidade; cada uma delas retrata um paciente irreprodutível que, ao mesmo tempo, pertence a uma categoria de casos. (p. 97-8)

Mas, como toda boa análise, a autoanálise de Freud tinha um defeito anunciado: a gradual desidealização em relação ao Outro. Freud ainda precisava de Fliess, pois ele era excelente leitor e crítico. Porém, a relação de Freud com aquele que Gay (op. cit.) chama de “parteiro da psicanálise” logo teria seu fim. O biógrafo entende que o distanciamento de Freud em relação à Fliess não se deu por não mais precisar dele, mas, principalmente, por poder reconhecer o obstinado interesse de Fliess por numerologia, o que evidenciou a Freud a mente mística que seu correspondente possuía.

Essas percepções, reconhecidamente antagônicas à sua forma de ver o mundo, culminaram em uma briga ocorrida em agosto de 1900, em Achensee. Apesar da violenta discussão, a correspondência entre os dois prosseguiu durante mais algum tempo (obviamente sem o mesmo tom que apresentava anteriormente), sendo que a última carta trocada entre os dois data de 27 de julho de 1904. Fliess cumprira seu decisivo papel para a psicanálise e agora podia partir.

Jones (1989) lembra que, assim como nenhuma análise é realizada por completo, com a autoanálise de Freud não foi diferente. Porém, fato é que, segundo Jones, Freud nunca parou de analisar-se: todos os dias ele utilizava sua última meia hora para essa finalidade. Sem dúvida alguma, esse dado confirma seu incondicional amor à verdade.

ALGUMAS CONSEQUÊNCIAS ORIUNDAS DA AUTOANÁLISE DE FREUD

É provável que a neurose de Freud tenha apresentado sua fase mais aguda entre 1897 e 1900, época essa na qual ocorreram os mais originais desenvolvimentos da teoria psicanalítica. Os conteúdos inconscientes de Freud deviam estar pressionando-o intensamente, pois sem esse motor seria difícil que realizasse os avanços que fez. Sua autoanálise – que teve como principais consequências o desenvolvimento de ideias como trauma psíquico, regressão, interesse afetivo das crianças pelos seus pais, e importância das tendências homossexuais – culminaram na publicação do livro *A interpretação dos sonhos*.

No prefácio à segunda edição do livro *A interpretação dos sonhos* (1900), prefácio esse escrito em 1908, o próprio Freud explicita a importância dessa publicação para sua vida pessoal:

Idêntica durabilidade e capacidade de resistir a quaisquer alterações amplas durante o processo de revisão foram demonstradas pelo material do livro, que consiste em sonhos produzidos por mim mesmo, que em sua maior parte foram superados, ou se tornaram sem valor pela marcha dos acontecimentos, e pelos quais ilustrei as regras da interpretação dos sonhos. Pois este livro tem para mim, pessoalmente, outra importância subjetiva - uma importância que só apreendi após tê-lo concluído. Ele foi, como verifiquei, parte de minha própria autoanálise, minha reação à morte de meu pai - isto é, ao evento mais importante, a perda mais pungente da vida de um homem. (p. 31-2)

Anzieu (1989) entende que a autoanálise de Freud não compreendeu em aplicação mecânica em si mesmo dos procedimentos que havia desenvolvido. Pelo contrário: a autoanálise de Freud apenas obteve os resultados acima elencados pelo profundo questionamento que o homem Freud realizou mediante a relação com seus pacientes, sua obra e seu corpo. Esse esforço obteve êxito, pois se tornou um sistema para contatar, de frente, desejos, fantasias e angústias. Apesar de ter possibilitado reais efeitos terapêuticos em Freud, Anzieu entende que esses eram de interesse secundário, visto que o principal objetivo de Freud era identificar em si mesmo os processos inconscientes que ele reconhecia em seus pacientes.

As primeiras consequências da autoanálise foram surpreendentes, pois Freud recuperou vários episódios de sua infância e a lembrança de pessoas das quais havia esquecido, como de sua babá 'velha e feia'; de uma viagem que fez de Freiberg a Leipzig de trem na qual reconheceu o despertar de sua libido por sua mãe; e das lutas com seu sobrinho quando criança. Foram essas recordações, aliadas à interpretação de seus sonhos e à observação que fazia de suas pacientes que o levou a reconhecer o amor pela mãe e o ciúme contra o pai como um fenômeno geral na infância. O reconhecimento da constância desses desejos levou Freud a perceber que esses conteúdos retornam na lenda grega Édipo Rei, o que o impulsionou a conceituar o 'complexo de Édipo'

Menezes (2006) entende que a descoberta do 'desejo inconsciente' foi possibilitada a Freud por sua peculiar amizade com Fliess. Para o autor, foi o próprio desejo de Freud, que agia em estado de transferência, que constituiu

as principais ideias da psicanálise. As queixas de Freud em relação aos seus sintomas frequentemente dirigem-se a Fliess, para que ele diga, então, a ‘verdade sobre seu estado’. O aumento do número de cartas e as inúmeras declarações de admiração que faz ao seu correspondente indicam o quanto Fliess estava internalizado por Freud, além da importância de seu papel de interlocutor imaginário constante no momento regressivo no qual se encontrava.

Para Menezes (op. cit.) o processo de análise de Freud já estava em andamento antes do falecimento de seu pai e foi apenas intensificado por esse evento. Freud passou, então, a interpretar incessantemente seus sonhos. Assim, o foco do processo interpretativo propiciado pelos sonhos é a oportunidade para dar nome ao desejo inconsciente ao qual a rede de associações dá acesso. Essa é a possibilidade para conhecer e nomear a verdade da qual o sujeito não mais precisa fugir. Esse desejo, que sempre se mostra como formação de compromisso, se expressa no sintoma neurótico, assim como nos sonhos e nas obras de arte. Menezes entende que a análise de Freud avançou bem, bem o suficiente para que Freud pudesse se livrar da paixão transferencial por Fliess e seguir na direção de seu desejo: a construção da psicanálise.

Ferrão (1968) afirma que a admiração e submissão quase absoluta de Freud em relação à Fliess sem dúvida alguma representava uma repetição da atitude de Freud para com seu pai. Porém, assim como sabemos hoje em dia, não apenas os sentimentos ternos, mas também os hostis, mais cedo ou mais tarde são transferidos, o que provavelmente ocasionou o distanciamento entre os dois. Ferrão (op. cit.) entende que foi a análise crítica realizada por Freud no caso Dora (Freud, 1905) que possibilitou a compreensão do fenômeno da transferência, fundamental para os posteriores desenvolvimentos da teoria e técnica psicanalítica. Para Ferrão, a escrita de Dora (Freud, 1905) é um reflexo da autoanálise de Freud em sua prática clínica. Ferrão cita Jones quando este afirma que a análise de Dora é, em realidade, uma continuação de *A interpretação dos sonhos*. Para Ferrão as semelhanças são várias: ênfase na importância do complexo de Édipo; interpretação dos sonhos como técnica principal; término pela mesma falha na análise da transferência. Além de todas essas contribuições teóricas, a autoanálise ainda possui a relevância de ser a pedra fundamental do princípio atual da formação em psicanálise: a análise do analista.

A AUTOANÁLISE DE FREUD E A FORMAÇÃO PSICANALÍTICA ATUAL: CORRELAÇÕES

Em 1910, Freud publicou o trabalho denominado *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica*, texto no qual faz uma importante recomendação àqueles que pretendem praticar a psicanálise. Diz Freud:

Agora que um considerável número de pessoas está praticando a psicanálise e, reciprocamente, trocando observações, notamos que nenhum psicanalista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências internas; e, em consequência, requeremos que ele deva iniciar sua atividade por uma autoanálise e levá-la, de modo contínuo, cada vez mais profundamente, enquanto esteja realizando suas observações sobre seus pacientes. Qualquer um que falhe em produzir resultados numa autoanálise desse tipo deve desistir, imediatamente, de qualquer ideia de tornar-se capaz de tratar pacientes pela análise. (p. 130)

Preocupado com os desdobramentos da psicanálise e, particularmente, com os excessos que alguns analistas estavam cometendo, Freud escreveu no início da década de 1910 seus artigos sobre a técnica. Dentre esses artigos se encontram as ‘Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise’, publicado em 1912. Dentre as várias orientações e esclarecimentos que faz sobre a psicanálise, para os fins desse trabalho, um deles apresenta maior relevância. Diz Freud (1912) no referido texto:

Há alguns anos, dei como resposta à pergunta de como alguém se pode tornar analista: ‘pela análise dos próprios sonhos’. Esta preparação, fora de dúvida, é suficiente para muitas pessoas, mas não para todos que desejam aprender análise. Nem pode todo mundo conseguir interpretar seus próprios sonhos sem auxílio externo. Enumero como um dos muitos méritos da escola de Zurique terem eles dado ênfase aumentada a este requisito, e terem-no corporificado na exigência de que todos que desejem efetuar análises em outras pessoas terão primeiramente de ser analisados por alguém com conhecimento técnico. Todo aquele que tome o trabalho a sério deve escolher este curso, que

oferece mais de uma vantagem; o sacrifício que implica revelar-se a outra pessoa, sem ser levado a isso pela doença, é amplamente recompensado. Não apenas o objetivo de aprender a saber o que se acha oculto na própria mente é muito mais rapidamente atingido, e com menos dispêndio de afeto, mas obter-se-ão, em relação à si próprio, impressões e convicções que em vão seriam buscadas no estudo de livros e na assistência a palestras. E, por fim, não devemos subestimar a vantagem que deriva do contato mental duradouro que, via-de-regra, se estabelece entre o estudioso e seu guia. (p. 155)

Em texto publicado em 1913, mas escrito em 1911, chamado ‘Sobre Psicanálise’, Freud retoma tal assertiva:

O progresso da psicanálise é ainda retardado pelo temor que o observador médio sente de ver-se a si mesmo em seu próprio espelho. Os homens de ciência tendem a enfrentar resistências emocionais com argumentos e, assim, satisfazem-se a si mesmos para sua própria satisfação! Quem quer que deseje não ignorar uma verdade fará bem em desconfiar de suas antipatias e, se quiser submeter a teoria da psicanálise a um exame crítico, que primeiro se analise a si mesmo. (p. 269)

A partir dessas citações podemos verificar que já no início da década de 10 do século passado, Freud passou a recomendar de forma explícita a análise pessoal com ‘alguém com conhecimento técnico’ para aqueles que pretendiam praticar psicanálise.

Anzieu (1989) considera que a psicanálise desenvolvida por Freud teve três principais fontes: a experiência clínica de atendimento a pacientes neuróticos; a experiência proporcionada por sua própria autoanálise; e, a experiência acumulada pelas diversas civilizações expressas através de suas produções culturais. Essa consideração de Anzieu é importante, pois nos remete diretamente ao modelo de formação analítica que atualmente é praticado na maioria das instituições psicanalíticas.

Discorrer sobre os modelos vigentes de formação psicanalítica transcende os objetivos deste trabalho, porém é necessário enfatizar que os modelos atualmente utilizados compreendem, de uma forma ou de outra, o estudo teórico, a prática clínica supervisionada e a análise pessoal.

A prática clínica e a análise pessoal acompanharam Freud desde o início, pois ele era um homem absolutamente imerso na cultura de seu tempo. De um modo ou de outro, esse contexto, que mistura o público e o privado, é o que se busca nas formações psicanalíticas atuais. Se a prática clínica supervisionada e a análise pessoal compreendem a esfera privada dessa jornada, a frequência aos seminários teóricos e clínicos compreende essa faceta pública, correlata ao contato com a cultura do qual fala Anzieu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A autoanálise é um processo natural da psicanálise na medida em que o desenvolvimento da capacidade para se autoanalisar é uma consequência esperada do processo analítico. Com a evolução da análise, não apenas o analista é desinvestido como objeto idealizado, mas a própria análise passa a ser desidealizada e deixa de ser objeto de depósito de esperanças irrealis. Após o término de uma análise estabelece-se um diálogo interno entre o sujeito e seu ex-analista, que continua vivo dentro de si, fenômeno chamado de ‘função analítica’. É essa função que possibilita a continuidade do desenvolvimento mental mesmo sem os encontros físicos com o analista.

A partir desse ponto de vista, a autoanálise atualmente não compreende um possível substituto para a análise, mas sim a consequência esperada de um processo exitoso, que prossegue mesmo tendo chegado ao fim.

Suponho que esse diálogo interno é o que se busca com essa empreitada chamada ‘formação em psicanálise’: a construção e ampliação contínua de um diálogo interno que possibilita o psicanalisar. Uma espécie de diálogo tridimensional entre o eu, o outro e a cultura.

Some considerations on possible influences of Freud's self-análisis incurrent psychoanalytic training

ABSTRACT: *In the present work is presented, initially, a definition of the term self-analysis and indicated the time when Freud began this practice. Then are taken over personal life events of Freud that possibly fired the continuing practice of the Psychoanalytical process. Later, are listed some difficulties encountered by Freud during his self-analysis, as well as the factors that will allow its continuation. Soon after the additions and changes in psychoanalytic theory influenced by Freud's self-analysis. Finally, we seek to identify some invariants in self-analysis of Freud and the psychoanalytic training today.*

KEYWORDS: *Psychoanalysis; Sigmund Freud; Self-analysis; Psychoanalytic training*

REFERÊNCIAS

- ANZIEU, D. **A autoanálise de Freud e a descoberta da psicanálise.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- FERRÃO, L. M. A autoanálise de Freud e o 'caso de Dora'. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 2 (2), p. 257-72, 1968.
- FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** 2. ed, Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- (1910) As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica, v. 11.
- (1912) Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise, v. 12.
- (1913) Sobre psicanálise, v. 13.
- FREUD, S. & BREUER, J. (1895) Estudos sobre histeria. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas e Sigmund Freud.** v. 2. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- GAY, P. **Freud: Uma vida para o nosso tempo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- JONES, E. **A vida e a obra de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1989.

LAPLANCHE, J. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MENEZES, L. C. A descoberta inaugural: O desejo humano, este obscuro e incerto objeto. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 40 (1), p. 67-76, 2006.

Fábio Serrão Franco

Rua Soares de Camargo, 35 - Boqueirão

11045-050 - Santos, SP

(13) 3326-4286

fabioserraofranco@hotmail.com